

# Rio já adota o sistema de dependência na rede municipal para evitar a reprovação

Secretaria de Educação promove os alunos reprovados em até duas disciplinas

• A proposta do MEC de reduzir a repetência e a evasão escolar através do regime de dependência já está em prática no município do Rio de Janeiro. De acordo com a futura secretaria municipal de Educação, Carmen Moura, o Rio adota o sistema para evitar a repetência dos alunos, desde que eles não fiquem reprovados em mais de duas disciplinas.

— O regime de dependência já funciona com alunos da rede municipal de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries. O aluno não pode ficar retido em matérias em que já foi aprovado. É desestimulante — afirmou.

Ela disse ainda que os números apresentados na avaliação do Ministério da Educação com 90 mil alunos das redes municipal e estadual de todo o país não refletem as condições do ensino no Rio, já que, do total de 1.033 escolas municipais, apenas 22 entraram na avaliação — 2% do total considerado.

Para obter uma radiografia da

situação do ensino público na capital, a Secretaria municipal de Educação, em parceria com a Fundação Cesgranrio, aplicou uma prova nos mesmos padrões do Saeb, cujo resultado está previsto para 10 de dezembro.

Segundo Carmen, em 1993 quando a secretária Regina de Assis assumiu, o índice de repetência chegou a 24%. De acordo com a futura secretaria, a repetência registrada no ano passado teria caído para 19%:

— Mudamos o nosso conceito de avaliação. Passamos a considerar a capacidade do aluno. Ele pode ter dificuldade numa atividade, mas se destacar em outra.

Quanto à evasão escolar, Carmen disse que o índice registrado em agosto deste ano foi de 2,78%, contra 3,53% do ano passado.

O regime de dependência, no entanto, não é totalmente aprovado em colégios que têm formas alternativas de avaliação dos alunos. Um exemplo é a Escola Oga

Mitá. Segundo a diretora Mariângela Monjardim, não basta o MEC sugerir o regime de dependência, se não preparar o professor para suprir a deficiência que o aluno leva para o ano seguinte:

Segundo ela, o segredo do bom aproveitamento das turmas não está nas provas. A escola valoriza trabalhos em grupo, mas o professor tem condições de fazer o acompanhamento de cada um, já que as turmas da Oga Mitá não têm mais de 21 alunos.

Mariângela também não gosta de usar o termo repetência. Segundo a educadora, dos 250 alunos da escola, um ou dois não deverão “acompanhar a turma no próximo ano”.

Outra escola com bons resultados no Rio é o colégio Edem, onde não há provas. Embora não tenha alunos no segundo ciclo do Primeiro Grau (5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série), a diretora concorda com o regime de dependência defendido pelo MEC, desde que haja a garantia

de que, no ano seguinte, haverá um planejamento para acompanhar o aluno que foi aprovado com deficiências.

Dos 269 alunos do Primeiro Grau da Edem, no máximo sete ficarão reprovados. No Segundo Grau, dos 89, a previsão é de que seis não concluam o curso.

Entre os estudantes, a proposta do MEC não é aprovada por unanimidade. Eles temem que, depois de o sistema ser implantado, acabem em desvantagem em relação aos colegas das escolas particulares no vestibular.

Na Escola Estadual Paulo de Frontin, na Tijuca, a proposta do MEC dividiu as opiniões de alunos. A estudante Elizângela Lopes França, de 16 anos, por exemplo, é contra, mesmo tendo, no ano passado, repetido a 1<sup>a</sup> série do Segundo Grau:

— Se isso acontecer, baixará o conteúdo da escola pública e ficaremos defasados em relação aos estudantes das particulares. ■